

CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO DA PRÁTICA DE UMA PROFESSORA

MARIANA SANTANA DE LIRA

Graduada pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, mariana.flordelira@gmail.com;

ANA CATARINA DOS SANTOS PEREIRA CABRAL

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, anacatarinacabral@yahoo.com.br;

RESUMO

Este artigo é recorte de uma pesquisa de monografia, desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE. Tivemos como objetivo compreender como uma professora realizava o trabalho de contação de histórias em uma turma da educação infantil grupo 3 (crianças de 3 a 4 anos). Por isso, realizamos um estudo de caso, de natureza qualitativa e usamos como instrumentos para coleta de dados: um questionário fechado, observação total e entrevista semiestruturada. Para a fundamentação deste trabalho tomamos como referência Busatto (2012), Sisto (2012) e alguns documentos oficiais. Os resultados apontaram que a contação de histórias fez parte da rotina deste grupo da educação infantil. A professora planejou os momentos envolvendo a contação de histórias; selecionava a história a ser trabalhada com as crianças; sistematizava as ações ao praticar as narrativas; organizava os espaços; preparava os recursos didáticos. Concluímos que a contação de história potencializa o desenvolvimento da linguagem oral, e também, desenvolve diversas aprendizagens, cognitivas, sociais e afetivas.

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação infantil; Prática pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias é o ato e/ou a capacidade de narrar um fato, ou contar uma história de improviso ou mesmo uma situação planejada, usando diversos tipos de recursos não verbais ou apenas a oralidade (TORRES et al, 2008). A contação de histórias é amplamente utilizada no universo infantil e faz parte da rotina da infância tanto em espaços públicos de educação, como no âmbito privado (SILVA et.al, 2018).

A temática escolhida é importante, pois a arte de contar histórias é um estímulo à criatividade, ao raciocínio lógico e ao lúdico, essenciais ao processo de aprendizagem na educação infantil. No processo de contação de histórias as crianças também constroem sua identidade social e cultural.

Dessa forma, é imprescindível destacar o quanto essa atividade contribui, não só para o desenvolvimento da linguagem oral, como também para a criação do hábito da leitura, que são fundamentais às turmas da educação infantil. A escolha pela temática do trabalho de monografia partiu da experiência vivenciada em uma escola particular de Recife-PE, no ano de 2018, numa turma de educação infantil (crianças de 4 a 5 anos), pois observamos o grande interesse por parte das crianças ao ouvir histórias.

2. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ORIGEM E OS CONTADORES DE HISTÓRIAS

A arte de contar história teve origem na ação de contar histórias:

Desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência. Em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos (FLECK, 2007, p. 219).

Com isso, as pessoas reunidas contavam e repetiam histórias, para assim, guardarem suas tradições e sua língua. Dessa forma, a história era transmitida de geração em geração, junto com os mitos, as crenças, os valores e os costumes a serem protegidos pela comunidade. Busatto

(2012) define esse contador de história como uma “figura ancestral que ficava ao redor do fogo, ao pé da cama, contando histórias para quem quisesse ouvir, na maioria das vezes narrativas do seu povo que havia gravado em sua memória por meio da oralidade” (p.10).

Contar histórias faz parte da cultura do homem, a qual veio antes da produção da escrita, todavia, com a chegada da urbanização e do avanço da tecnologia, o ato de contar histórias foi se perdendo com o tempo, logo, se tinha a diminuição da formação de rodas de contar histórias, ocorrendo assim, um esquecimento do contador de histórias. Somente com o passar das gerações é que aos poucos surgiu uma nova concepção de contadores de histórias, chamados de contadores urbanos, agora, este tipo de contador faz uso de recursos e técnicas visuais para chamar a atenção de um novo público. Podemos constatar isso na fala de Ramos (2011):

Em meados do séc. XX, os contadores de histórias, após terem quase submergido em consequência do surgimento das novas mídias, ressurgem, como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. (p.31).

Desde então, começaram a surgir outros tipos de contadores de histórias, com exceção do contador tradicional, que é aquele contador que carrega consigo a tradição de contar, nascido em sua comunidade tem a função de narrar histórias, que já faz parte da cultura do seu povo. Este tipo de contador faz uso apenas da oralidade, cujo objetivo é transmitir saberes hereditários passados de geração em geração, deixando vivo a memória de um povo.

Diferente deste contador, temos o contador profissional e o educador contador. O contador profissional é aquele que elegeu esta expressão artística como uma possibilidade de profissão, tendo como base de inspiração, a tradição oral, este tipo de contador tem formação diversificada, podem ser: pedagogos, atores, artistas, bibliotecários, entre outros. Espalhando histórias em diversos espaços, como: escolas, bibliotecas, museus, livrarias, e outros. Realizam cursos profissionalizantes para melhorar a atuação, utilizando-se de recursos para enriquecer ainda mais o momento da contação de histórias, como: figurinos, fantoches, maquiagem, instrumentos musicais, e outros. Já o educador contador, atua nas escolas, realiza adaptações nas histórias do seu jeito, dando a sua cara a história, como também,

utilizando-se de recursos para prender a atenção, como: reconstruir cenários, faz uso de fantoches com personagens das histórias, repertórios construídos de contos de fadas resgatados dos livros, sendo uma maneira de despertar o interesse das crianças em querer ouvir o enredo das histórias. É desempenhado pela figura dos professores, cuja formação se dá a partir da formação de oficinas e que passam a utilizar este recurso como instrumento pedagógico em suas aulas. Dependendo do objetivo, essa ferramenta possibilita diversas aprendizagens afetivas, sociais e cognitivas que ajudam no desenvolvimento das crianças.

Logo, a contação de histórias se propagou, ganhando destaque dentro do espaço escolar, e a escola passou a ser o espaço utilizado para o exercício desta prática, e da importância dela de apresentar esta expressão artística para as crianças dentro da sala de aula, tal como afirma Souza e Bernardino (2011, p. 241):

A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais [...] que mostrem à realidade pluricultural brasileira [...], [...] favorecendo deste modo a construção da identidade infantil.

Portanto, a escola torna-se o local propício para trabalhar a cultura oral, por meios das narrativas, mas, para que isso aconteça, precisa-se de uma articulação entre escola e professor, referente ao planejamento, organização, de como vai ser realizado o trabalho envolvendo os gêneros orais. Neste caso aqui destaco a prática da contação de histórias, da importância de ter um planejamento para a realização do momento de narrativas, construindo ambientes convidativos, de preferência calmos, sem barulho, para o momento da vivência, deixando os ouvintes confortáveis para o momento, como também, para não prejudicar a comunicação do contador com os ouvintes, desconcentrando-os.

A contação de histórias, possui algumas características próprias e que para pôr em prática o contador deve estar atento: o cuidado na escolha das histórias que se destina ao público, o uso da voz, de maneira prolongada, como sendo um membro do corpo, como se faz uso dos gestos, não deixando utilizar-se de gestos do dia a dia, tornando-o mecânicos, sempre se fazer uso de explorar gestos de forma

mais pessoal possível, pois proporcionar sensações, despertando-o para quem ouve, fazendo com que o momento se torne ainda mais mágico e por fim, o uso do olhar: olha para o público; olha para dentro de si mesmo; e olha para as imagens mentais das histórias que está contando. E o mais importante, a preparação, chamando a atenção do contador de não apenas ficar focado em “decorar” o texto, pois contar histórias demanda outros aspectos: emoção, texto, adequação, corpo, voz, olhar, espontaneidade/naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade, pausas/silêncios, e elemento estético (SISTO, 2012).

3. O QUE OS DOCUMENTOS NACIONAIS APONTAM EM RELAÇÃO AO TRABALHO ENVOLVENDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A Base Nacional Comum Curricular (2017) institui cinco campos de experiências que podem contribuir para aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sendo eles: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; e “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”. Dentre esses cinco campos de experiências, destacamos o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, visto que, é o eixo responsável pelo trabalho com a linguagem oral, aproximando e ampliando as diferentes formas de comunicação da criança em situações sociais.

Logo, é neste campo de vivência que se retrata importância de promover situações em que as crianças possam falar e ouvir, sendo uma forma de estimular o processo de participação da cultura oral, pois é através de ouvir histórias, de participar de conversas, ao descrever situações, e outros, que o indivíduo consegue se desenvolver nas mais diversas linguagens, como também, saber fazer uso da linguagem oral nas mais diversas situações comunicativas. Diante disso, a contação de história encontra-se inserida neste campo de experiência, sendo uma maneira de trabalhar com crianças a linguagem oral. O documento ainda sistematiza alguns objetivos de aprendizagens e desenvolvimento para o trabalho com as crianças da educação infantil, no que se refere ao desenvolvimento da oralidade, como também, direcionamento de como se trabalhar com o gênero oral formal contação de histórias,

Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões; Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos; Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc. (BRASIL, 2017, p. 49).

Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos; Produzir suas próprias histórias orais [...], em situações com função social significativa; Recontar histórias ouvidas para produção de relato escrito, tendo o professor como escriba. (BRASIL, 2017, p. 50).

Outro documento educacional que fala da importância de se trabalhar a contação de histórias são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010). O DCNEI (2010) determina no artigo 9º, tendo como eixos norteadores as interações e brincadeiras, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, a qual devem garantir amplo campo de experiências, e dentre elas, está o trabalho com as narrativas, a fim de que, “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral [...], e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais [...]”; (BRASIL, 2010, p. 25). O DCNEI ainda ressalta que é direito da criança ter acesso a diversas formas de linguagens, e a linguagem verbal é uma delas, e dentro desta linguagem está a linguagem oral, instrumento essencial para se expressar ideias, emoções, imaginação, e outros. A esse respeito, encontramos a seguinte colocação:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (BRASIL, 2010, [s.p.]).

Desse modo, o documento aponta a importância de oportunizar experiências que trabalhem a linguagem oral, cabendo ao professor a

tarefa de criar situações comunicativas durante a rotina de sala de aula, possibilitando às crianças a desenvolverem a oralidade, não só se limitando apenas ao desenvolvimento da fala, mas ensinar a elas a saber fazer uso da oralidade nas diversas situações comunicativas, de maneira que haja planejamento ao ser trabalhados com os alunos, e que seja realizado um trabalho contínuo. Isto posto, evidencia-se que os documentos curriculares nacionais da infância preconizam no currículo da educação infantil o trabalho com a contação de histórias em sala de aulas com as crianças, mostrando assim, as suas intenções no eixo de desenvolvimento oral.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Diante do exposto desenvolvemos uma pesquisa com o foco na atuação pedagógica de uma professora de educação infantil (grupo 3 - crianças de 3 a 4 anos) de uma escola municipal de Recife – PE. Nosso objetivo geral foi compreender como uma professora realizava o trabalho de contação de histórias em uma turma de educação infantil, mais especificamente, analisar a concepção da professora em relação ao trabalho envolvendo a contação de histórias; analisar como a professora planeja suas aulas envolvendo o trabalho com contação de histórias e caracterizar o que a professora fazia e priorizava em sua rotina. Para isso, realizamos um estudo de caso, com abordagem qualitativa, pois a pesquisa procura compreender um fenômeno em particular (LUDKE; ANDRÉ, 1986), em relação às práticas de contação de histórias.

A pesquisa aconteceu em três fases: a fase exploratória, com escolha do caso a ser investigado; a fase de coleta de dados, no qual aplicamos os instrumentos para obtenção dos dados; e a fase de descrição e análise de dados, que consiste em analisar os dados coletados para a posteriori iniciar a construção dos resultados e análises. A coleta de dados consistiu a princípio na aplicação de um questionário fechado (GIL, 1999) com a professora regente da turma de educação infantil para conhecer seu perfil e obtermos algumas informações acerca do contato da professora com a contação de histórias. Utilizamos também, observação total (GIL, 1999) e a entrevista semiestruturada (LUDKE E ANDRÉ, 1986). As informações coletadas foram posteriormente analisadas e discutidas a partir do aporte teórico.

5. RESULTADOS E ANÁLISES

A partir das respostas da professora e das observações feitas no campo, categorizamos para fins de análise dos dados, as ações realizadas em torno da temática contação de histórias, em três categorias: concepção da professora sobre a contação de histórias, ambientação, espaço, rotinas e recursos; planejamento da professora para envolver as crianças na contação de histórias.

5.1 CONCEPÇÃO DA PROFESSORA SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O ato de contar histórias em ambiente escolar é amplamente difundido nos documentos curriculares da infância, entre esses documentos, está a Base Nacional Comum Curricular voltada para a Educação Infantil (BRASIL, 2017) que preconiza um campo de experiência dedicado a esse aspecto, o eixo “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação que organiza as ações que permeiam o ato de contar histórias. De acordo com esse documento, ao trabalhar com a contação de histórias possibilitamos a criança expressar suas ideias, suas intenções, desejos, sentimentos, experiências e vivências usando primordialmente, sua faculdade linguística oral, por meio do ato de ouvir histórias (cf. BRASIL, 2017).

A esse respeito, a professora ao abordar sobre a relevância de contar histórias na educação infantil aponta, muitas das questões discutidas na BNCC. Nesse sentido, ao ser questionada “Por que você acha importante o trabalho envolvendo a contação de histórias?” a professora nos deu o seguinte relato

Através do trabalho de contação de história, a criança consegue interpretar situações do cotidiano dela. Ela consegue se colocar no lugar do personagem. Consegue dar lugar a imaginação dela, muitas vezes ela fala de contextos que antes ela não conseguia falar em situações normais, né? E aí através do trabalho de contação de história a criança entra num universo que muitas vezes não é o universo dela, não é o universo que ela está inserida, então ajuda ela. Através da contação de história a criança consegue se expressar, expressar sentimentos que estavam dentro dela, que ela... em situações de rodas, situações de conversar ela não conseguia, então eu acho que através da contação de história, a criança tem essa possibilidade de

passar do universo real, pro universo imaginário, que é tão presente na idade, né? De na idade de criança pequena, antes de chegar à adolescência. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

O discurso da professora potencializa a importância de permitir à criança estar em sua inteireza, considerando as falas delas durante o processo de contar histórias, possibilitando fluir aspectos imaginativos e a construção de significados entre o mundo real e o imaginário. Além de acolher questões ligadas aos sentimentos da criança, suas emoções, que são elementos que fazem parte do exigido para o desenvolvimento integral delas (cf. BRASIL, 2010; BROUGÉRE, 1998). Confirmando esse pensamento, Rodrigues (2005, p.4) evidencia que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

As intencionalidades educativas ampliadas e proporcionadas pelo processo de contar histórias às crianças fomentam o desenvolvimento de características ligadas ao entendimento do mundo social, de padrões de comportamento, questões de valores, aspectos de cultura do mundo, bem como tornam evidentes singularidades dos pensamentos das crianças e de seus mundos sociais, o que pode ajudar a promover o respeito às diferenças, igualdade e senso de pertença a grupos sociais (cf. TAHAN, 1957).

Esse entendimento é levemente ratificado na fala da professora ao discursar sobre o que é possível desenvolver nas crianças com o predomínio da contação de histórias nos espaços educativos infantis quando perguntamos: “Quais conhecimentos você considera que são mobilizados na atividade de contação de histórias”? Nesse sentido, a professora nos relatou o seguinte:

Eu acho que a gente consegue desenvolver habilidades na questão social. Eles conseguem desenvolver habilidades na questão de socialização porque a gente consegue é tratar de temas com eles, a questão afetiva também é bem presente, questões mais adversas, a gente consegue

também trabalhar questões conhecimentos cognitivos, curriculares né? Como letra, como cor, como número, enfim, é muito amplo, é muito rico. (Entrevista com a professora realizada no dia 5 de dezembro de 2019).

Em seu discurso a professora enfatiza elementos que estão conectados ao ato de contar história, o que leva a inferir que ela ao contar histórias, busca tratar de assuntos que permeiam a sociedade, como valores, cultura, comportamentos sociais etc. Esses aspectos são validados pela BNCC (BRASIL, 2017) ao descrever as aprendizagens essenciais para a educação infantil, enfatiza o desenvolvimento dessas ações como importantes para que a criança se constitua como sujeito individual e coletivo (BRASIL, 2017).

Desse modo, as concepções da professora estão alinhadas e sincronizadas com o que rege as diretrizes para o ensino da educação na infância, como espaço de desenvolvimento integral da criança, em suas características intelectuais, emocionais, sociais, imaginativas e em múltiplas linguagens, primordialmente a oral.

5.2 AMBIENTAÇÃO, ESPAÇO, ROTINAS E RECURSOS

Na educação infantil há uma certa preocupação com a organização dos espaços e ambientes, pois é amplamente entendido que tais preocupações são importantes para o desenvolvimento das crianças. No que se refere à contação de histórias e educação infantil, os espaços podem impulsionar essas atividades e até criar rotinas de contação em lugares específicos. Em vista disso, ao ser questionada: “Você conta histórias em quais espaços da escola?”, a professora ao discursar sobre a existência de espaços para contar histórias nos relatou o seguinte: “Ou dentro da sala ou no espaço externo utilizando as árvores, inclusive eu vou fazer isso no da Chapeuzinho, contar lá fora”. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Durante as observações esses momentos revelaram que a escolha do espaço de contação está associada à tipologia da história, o que é reforçado pelo próprio discurso da professora. No entanto, os dois espaços (sala de aula e área externa da escola) são bastante utilizados. Nessas situações a professora trava um alto grau de proximidade com as crianças posicionando na frente e a altura delas posicionadas ao chão. Segundo Silva (2018, p. 3) “Tais aspectos são cruciais para estabelecer uma relação autêntica, de apoio e partilhas com a criança”, bem como, a contação de

histórias exige uma relação de aproximação entre o contador oral e o ouvinte.

Além da escolha do espaço/ambiente se faz necessário planejar como se organizará esse espaço, os objetos e recursos que auxiliarão durante o processo de contação. A esse respeito, ao ser questionada: “Como prepara o ambiente, escolhe os materiais? O que você prioriza?” a professora nos relatou o seguinte:

Pronto, eu é... o ritual de contação é desligar parte da luz do ambiente, cantar a música e iniciar a contação, aí eu posso iniciar, eu posso fazer a contação com a caixa surpresa, pode fazer a contação com ... sei lá, com o material que eu trouxe naquele dia, aí é que iniciou a contação, depois de fazer esse ritual. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Os ritos auxiliam as crianças a se prepararem psicologicamente e voltarem suas atenções para esse momento. Nesse sentido, durante as observações isso foi perceptível, pois quando dava início ao momento da contação de histórias fazia uso do instrumento musical pandeiro, estabelecendo um rito de abertura para dar prosseguimento ao momento de contação de história.

Ao tempo em que isso também contribuía para ter a atenção das crianças, a professora também fazia uso da vocalização, por meio de indagações às crianças do tipo “o que será, o que será que vai acontecer?” e as crianças apreensivas e silenciosas aguardavam o desenrolar da história. Seguindo os ritos ela também utilizava o instrumento musical com fins de silenciar as crianças para que pudessem ouvir a história cantarolando canções que reafirmam esse desejo: “zip zap, minha boquinha vou fechar, pois, tia Bia vai começar”. Essas situações vivenciadas pela professora evidenciam que havia um planejamento, organização e preparação para os momentos da contação de histórias.

5.3 PLANEJAMENTO DA PROFESSORA PARA ENVOLVER AS CRIANÇAS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

É amplamente defendido por estudiosos da infância o entendimento de que uma educação infantil, que efetivamente deseja cumprir a finalidade de desenvolver integralmente as crianças, tal qual preconiza os documentos pedagógicos orientadores infantis, deve expressar a concepção de que as “coisas relativas às crianças e para as crianças, só

podem ser apreendidas pelas próprias crianças” (MALAGUZZI, 1999, p. 101; BRASIL, 2009). Nesse sentido, ao ser questionada: “Você deixa que às crianças participem da contação de histórias? Se sim, como? referente a participação das crianças no processo de contação de histórias, à professora informou-nos o seguinte:

Quando eu termino aí eu peço pra eles recontarem, que tem o momento de recontar, ou então, outro dia, eles vão recontar a história, aí dessa maneira que é a participação deles, agora, no meio da história eu geralmente não deixo não. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Nas observações ficou evidente que a professora de fato fazia uso do reconto, como forma de perceber se as crianças haviam compreendido a história. Dessa forma, ela solicitava que recontassem respeitando seus jeitos, suas formas de dizer. Ao tempo em que se posicionava como mediadora visto que, quando as crianças paravam de narrar a história, a professora as auxiliava na narração, fazendo perguntas como: “Como é a história?” “Depois disso o que vai acontecer? e agora?”. As ações de reconto aconteciam em duplas e/ou de modo individual. Diante desta atividade proposta pela professora ficou evidente a importância de promover situações em que as crianças participem ativamente, e a atividade do reconto acaba sendo uma de tantas experiências que a criança pode estar participando exercendo a sua fala, expandindo a linguagem oral, pois são nessas vivências que ela se desenvolve, com suas singularidades, como também, reconhecendo-se como integrante de um grupo social, visto que, segundo a Base Nacional Comum Curricular,

[...] é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2017, p. 42).

Ainda em sua fala, no que se refere à participação das crianças no momento da contação de histórias à professora explicita que não permite às crianças participarem efetivamente, por meio de falas ou ações durante o ato da contação. Acerca disso, ela nos relatou:

Eu tento fazer uma regra quando eu tô contando aí é faço perguntas, mas, além das perguntas que eu faço não deixo eles participarem não senão eu perco o fio da história, aí eu faço o combinado, geralmente é de eles não, não falar na hora da história eu vou tentando conduzir pra que eles ouçam o que eu tô falando. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

A professora negocia a participação das crianças e o momento em que ela deve acontecer, numa espécie de regulação. Isso é possível, porque durante as observações a postura da professora era de que as crianças se concentrassem na contação a partir dos breves questionamentos que eram realizados durante a narrativa, com o objetivo de aguçar a imaginação e concentração delas.

A participação das crianças se estende principalmente quando a questão é relacionada às atividades que são realizadas a partir da contação, atividades como construção de texto coletivo, no qual as crianças narram a história a seus modos e a professora realizava a escrita do texto narrado pelas crianças. Em outras histórias como Chapeuzinho Vermelho, a professora solicitou às crianças que identificassem os personagens, cenários e os pintassem. Dentro desse contexto, a atuação da professora evidencia a importância de trabalhar a contação de histórias, permitindo que as crianças participem deste processo, contribuindo para desenvolvimento psicológico, cognitivo e social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo revelou que a presença da contação de histórias é marcante e uma realidade diária na rotina das crianças de três anos do grupo estudado. O que nos leva a sinalizar, mais uma vez, por meio do estudo de Lacerda (2015), que a prática da contação de histórias na educação infantil tem sido cada vez mais presente na vida dos educadores e educandos, tornando a aula mais significativa, mais prazerosa e rica.

A docente apontou na entrevista a importância desta prática com as crianças em sala de aula, principalmente, em relação ao desenvolvimento da oralidade levando em consideração, não apenas o desenvolvimento da fala ou expressão, mas o de utilizar a linguagem oral, nas diversas situações comunicativas.

As observações evidenciaram que a docente planejou antecipadamente suas ações, escolhendo a história a ser trabalhada com as crianças,

explorando diferentes ambientes da instituição para realização da vivência, tais como: a sala de aula; a área externa da escola. Também houve a confecção dos personagens, elementos e cenários que faziam parte da história. Nas observações ainda foi possível compreender o que a docente priorizou no momento da contação de histórias: apresentação das histórias a partir de recontos feito pelas próprias crianças, sendo esta uma atividade que proporciona a criança se desenvolver no que diz respeito à linguagem oral, corroborando o que está escrito na Base Nacional Comum Curricular, a importância de inserir as crianças,

[...] na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2017, p. 42).

A professora pareceu utilizar o reconto como forma de aproximação das crianças com o mundo das histórias, sendo uma maneira de estimular as crianças a desenvolver suas oralidades, dando a oportunidade de cada criança se expressar através da fala, como também, expressar a sua imaginação. Desse modo, a pesquisa aqui referendada enfatiza a relevância da contação de história como instrumento pedagógico e que deve fazer parte da rotina da educação infantil, pois potencializa o desenvolvimento da linguagem oral, como também, desenvolve diversas aprendizagens, cognitivas, sociais e afetivas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? Educação e Contemporaneidade – **Revista FAEEBA**, Salvador, vol. 22, n. 40, jul./dez. 2013, p.95-103.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: . Acesso em 05 de março de 2021.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: Pequenos segredos da narrativa, 8.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FLECK, Felícia de Oliveira. **O contador de histórias**: uma nova profissão? THE STORYTELLER: a new profession?. Encontros Bibli, Florianópolis, n.23, p. 216- 227, jan./mar. 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LACERDA, Josefa Ferreira de. **A importância da Contação de histórias na Educação Infantil**. 35 f. TCC (graduação em pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALAGUZZI, L. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, C.; GANDINNI, L.; FORMAM, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59- 104.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias**: um caminho para a formação de leitores?. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SILVA, Orlane Fernandes et.al. Interação adulto-criança: reflexões sobre a experiência do estágio supervisionado em uma turma de creche. In: I SIMPÓSIO NACIONAL de EDUCAÇÃO: CIÊNCIA, RESPONSABILIDADE SOCIAL e SOBERANIA, I, 2018, Maceió. **Anais...** Maceió, AL: SNE, 2018.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012. 216 p.

SOUSA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, A. **A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Revista de Educação, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias.** Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

TORRES, Shirlei Milene. **Contação de histórias:** Resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de literaturas sessão aberta.n.01, v.04, Porto Alegre, 2008, p. 1-8. Disponível em: Acesso em 15 de julho de 2019.